

Juruna tenta pacificar xavantes

NICOLAU FARAH

Brasília — Márcia Gouthier

BRASÍLIA — Preso a uma cadeira de rodas, o cacique xavante e ex-deputado Mário Juruna, de 63 anos, pediu a intervenção da Fundação Nacional do Índio (Funai) e da Polícia Federal no conflito que, há mais de um ano, divide sua tribo. No sábado passado, dois sobrinhos de Juruna, Zé Maria e Tomaz, tiveram as cabeças rachadas a golpes de borduna, no mais recente lance da briga de poder que travam as facções lideradas pelo índio Orestes, recém-chegado à reserva de São Marcos, em Mato Grosso, e pelo cacique Aniceto, irmão de Juruna.

Os dois feridos foram socorridos a tempo e trazidos a Brasília em avião fretado pela Funai. Ambos estão internados no Hospital de Base, onde Zé Maria, com fratura no crânio, levou dez pontos, enquanto Tomaz, em estado mais grave, foi submetido a cirurgia. A briga entre os xavantes já provocou a morte de um irmão de Juruna, em abril do ano passado.

Impossibilitado de andar por causa de um reumatismo que afetou a bacia, deixando suas pernas sem movimento, Juruna usa um telefone sem fio para acompanhar de sua casa, na cidade-satélite de Guará II, o conflito que se desenrola na reserva, a 800 quilômetros de Brasília. É uma tentativa de retomada da liderança que conquis-



Juruna mostra a região da cabeça em que sobrinho foi ferido

tou nos anos 70, quando apareceu nas cidades com o gravador em que registrava as promessas dos brancos. Primeiro e único deputado federal indígena, Juruna elegeu-se em 1982 pelo PDT do Rio de Janeiro. Não conseguiu reeleger-se, mas afiou o discurso.

“Os índios tiveram a alma contaminada pela alma viciada dos brancos”, diz, referindo-se à briga entre os xavantes.

Juruna atribui a briga à “ganância” de Orestes, filho do falecido cacique Apoena. Depois de viver por 15 anos em São Paulo, hoje es-

tá de volta à tribo querendo assumir o posto que era do pai e hoje é ocupado pelo tio, o cacique Aniceto. A cisão ocorreu, segundo Juruna, quando alguns índios se aliaram a Orestes, que teria apoio da Funai. Na sede da Funai, em Brasília, a ordem é não interferir na questão. “Trata-se de uma questão interna dos xavantes. Pela Constituição e pela Lei 6.001, que defende os direitos do índio, não podemos nos meter”, diz o assessor de imprensa, Cid Furtado Filho.

Juruna desembarcou em Brasília em meados de 1974, para tentar falar com o então presidente Ernesto Geisel sobre a demarcação da reserva de São Marcos. Nunca conseguiu a audiência, mas a insistência deu-lhe passagem à vida pública. Depois de algumas conversas adotou um gravador, justificando: “Branco mente muito. Eu comprei gravador porque branco faz muita promessa. Depois, esquece tudo.”

Em 1983, Juruna por pouco não teve o mandato cassado, depois de dizer que o ministério do presidente João Figueiredo era “ladrão, corrupto, sem-vergonha e mau-caráter”. Recebeu uma advertência por escrito da Câmara.

Não conseguiu se reeleger em 1986, foi esquecido e voltou à cena em 1994, tentando novamente uma vaga na Câmara, agora pelo PDT do Distrito Federal. Teve pouquíssimos votos.